



# DRAGON AGE™

## THE VEILGUARD

◀—CONTOS—▶



Ilustração por Matt Rhodes

# O VELÓRIO

por Mary Kirby

“Tínhamos dez anos de idade. Lucanis tinha acabado de ler um livro sobre wyverns, e de repente só falava nisso. Wyverns, o tempo todo sobre wyverns.” Illario contou a história de forma afetuosa e com impressionante confiança, considerando que estava sobre os ombros de Viago e não conseguia alcançar o chão com os dois pés.


Viago suspirou e mudou o peso de Illario no ombro ao chegar ao pé da escada até os quartos para hóspedes do cassino.

O cassino pertencia à Casa Cantori. Teia havia mandado o pessoal para casa. Janelas e espelhos estavam temporariamente cobertos com pesados panos de veludo preto para evitar que qualquer alma errante se perdesse em seu caminho. As mesas para jogos de cartas e dados tinham sido limpas e estavam arrumadas com arranjos florais exuberantes e graciosos em cristal para a despedida e embrium para aliviar um coração entristecido. O aroma das ervas se agarrava à pele e roupas, mas não era doce o suficiente para cobrir o fedor de álcool que exalava de Illario Dellamorte. Pelo criador, Teia devia isso a ele.

“Lá estava eu, com tantos carrapichos no corpo que grudava em tudo que encostava. Lucanis tinha lama em todo o corpo das orelhas para baixo. Catarina apenas olhava sem palavras.” Illario riu. Seus joelhos se dobraram, ou ele simplesmente parou de tentar andar e despencou na escada, levando Viago com ele.

Viago praguejou baixinho e tentou levantar o homem dos degraus, a samita escura e suave da jaqueta de Illario escapando de suas mãos. Viago desejou que tivessem escolhido o Plano A: dar um sonífero a Illario no salão e jogar um lençol sobre ele. Mas os olhos profundos e sombrios de Reia imploraram para ele cuidar do bêbado fedorento e... Viago suspirou e praguejou novamente. Por um momento, ele teve uma visão clara e perfeita de Illario deixado roncando no meio da escadaria. Só que Teia o mataria. Talvez até pessoalmente.





“Ele era meu primo, mas éramos mais como irmãos, na verdade. Sempre se metendo em todo tipo de confusão. E eu estava sempre atrás dele, sabe? Sempre.” A voz de Illario de repente se encheu de emoção. “Agora não tem ninguém para eu seguir.”

Viago soltou um suspiro, depois se agachou e alavancou Illario dos degraus com um grunhido de dor.

“Devia ter sido eu.” Illario estava com uma voz amargurada agora. A bravata estava se aproximando do fim. Ele repetiu esse discurso como um ator ensaiando para uma peça particularmente irritante por horas lá embaixo à medida que sua compostura se desfazia e ele parecia mais e mais como se tivesse lutado contra uma manada de drúffalos e perdido.

Viago titubeou pelos últimos degraus e mexeu desajeitadamente com a porta do quarto de hóspedes mais próximo. Por um momento infernal, ele temeu que tivesse que arrombar a fechadura, mas ela abriu. Ele arrastou Illario para a cama e o despejou como um cadáver.

“Eu já contei sobre aquela vez que Lucanis me levou para caçar wyverns?” Illario perguntou enquanto Viago molhava um lenço com algumas gotas de um dos seus frascos. Antes que ele pudesse começar outra interpretação, Viago cobriu o nariz e a boca de Illario com o pano, fazendo com que perdesse os sentidos.

“Outra hora.” Viago respondeu. E saiu da sala.

*Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/the-wake>*





Ilustração por Bioware

# ENQUANTO VOAMOS

De Lukas Kristjanson

***“Os Antaam vão governar Antiva. E o povo de Treviso vai aprender a se ajoelhar.”***

A voz era controlada, mas não calma. Era uma voz de barítono, só que rouca, de alguém acostumado a gritar com pessoas subordinadas. Naquele instante, ela ecoava pelos terraços por meio de projeção mágica, de engenhocas deixadas por impérios que não existem mais há muito tempo. Era uma lembrança diária e sempre presente da ocupação. A tranquilidade daquela voz era decepcionante, tanto para as pessoas oprimidas quanto para quem oprimia.

***“Meu pé está erguido, Treviso. Ele não precisa voltar para o chão. Obedeçam.”***


“Ele está se precipitando!” O Neri de Acutis, magro e de cabelos grisalhos, apostava corrida com a voz sobre o terraço. Ele pulou sobre o vão de um beco e fez uma curva rápida quando pisou no chão. A bengala de ébano que segurava bateu entre os tijolos de argila de uma chaminé. Era uma demonstração que se explicava pela insígnia bordada nas peças de couro dele. Ele era um velho Corvo Antivano que descendia praticamente da primeira geração. “O Carniceiro provoca a nação, mas aqui estamos nós, garantindo a posição dele!”

“Cuidado onde você pisa, Neri”, disse a Noa, com um sorriso malicioso, ao se aproximar dele. Ela era irmã do Neri. Ela também era magra, tinha os mesmos cabelos grisalhos e, pelo tom de voz que usou, não estava impressionada. “A gente não vai garantir nada se você cair nos braços daquele pessoal ali.” O aviso dela foi concluído por um barulho logo abaixo, da meia dúzia de Antaam abrindo caminho em um beco barricado. “São rápidos para o tamanho deles.”

***“Mas não o suficiente”, disse o Neri, sorrindo. “É por isso que temos tempo para florear um pouco.”***







“Kithtaam!”, berrou para dentro do beco estreito um Antaam acinzentado e grande demais até para os padrões de seus semelhantes. Os chifres dele eram quase do tamanho da passagem, com pontas venenosas pintadas de branco e vermelho. A dupla de Corvos conhecia bem aquele indivíduo. Era o Kaathrata, o Carrasco, que ficou conhecido por sua brutalidade desde que a cidade fora tomada. Paralisados por aquele chamado, o restante dos Antaam se encolheu enquanto ele passava. Claramente temiam mais do que a posição dele. “Estão acima da gente, seus idiotas! Continuem ou eu vou arrancar a pele das suas costas!”

O Neri estalou a língua. “Se quem é tenente trata as pessoas subordinadas assim, não é à toa que o Carniceiro é cruel.”

“Líderes militares governam na base do medo”, disse a Noa. “A gente sabe como responder. Vamos!” Enquanto pulava para o próximo telhado, ela jogou uma telha de argila solta para o chão, que se quebrou aos pés dos Antaam.

“Ali!”, vociferou o Kaathrata. Os olhos dele estavam nas sombras que se dirigiam rápido até o centro da cidade. Enquanto perseguia a dupla, ele gritava ordens. “Formem um batalhão atrás de mim! Vocês vão me ver caçando as minhas presas!”

Outro comando indiferente preencheu o ar. **“Obediência será recompensada, Treviso. Nós podemos liderar ou destruir.”**

“O Kaathrata pelo menos dá a impressão de que está se divertindo”, disse o Neri, desapontado. “Um vilão que se comporta como tal é mais útil.”

A Noa não deu atenção a isso e disse: “Não temos mais terraço”. A dupla tinha chegado ao fim das mansões amontoadas da região central de Treviso. Não havia mais telhas para as quais podiam pular. Adiante estava a queda acentuada até os canais e pontes que faziam fronteira com o mercado principal, uma área comunal grande e normalmente cheia de comerciantes de Antiva. Não tanto durante a ocupação dos Antaam e completamente vazia naquele horário.

“Nosso amigo está em nosso encalço”, disse o Neri. “É hora de voar.”

Na beira do telhado, havia um poste de madeira resistente com um desenho em tinta preta. Era a silhueta de um corvo com as asas abertas. Algo difícil de se ver se você não sabia procurar, mas muito útil se sabia. Preso ao topo do poste estava um cabo fino que seguia em direção ao crepúsculo e descia para uma das pontes abaixo.

O Neri pegou uma tira de couro do braço e colocou em volta do cabo. “Pronta?”

“Sempre”, respondeu a Noa, segurando na cintura dele.

Então deram um impulso no poste, se lançaram ao ar e deslizaram pelo cabo. O peso da dupla fez a descida ser rápida. O Neri e a Noa atravessaram o vão entre a mansão e a ponte de pedra bem mais adiante de onde estavam os Antaam, mas a aterrissagem foi aos trancos e barrancos. A Noa rolou até assumir uma posição agachada, em prontidão, mas o Neri teve dificuldade para ficar de pé e apoiou a bengala debaixo dele.

“Meus joelhos não são como costumavam ser”, ele disse, com uma careta.

“Isso é ser velho.”





“Eu sou dois anos mais novo do que você.”

“Eu não estava falando da sua idade.”

“Mostre um bom comportamento, Treviso, e as recompensas virão. Vocês vão querer que eu continue sendo generoso.”

“Bom”, disse a Noa, erguendo o irmão do chão, “vamos mostrar para eles como a gente se comporta?” O Neri acenou com a cabeça e a dupla saiu correndo pela ponte.

Mas assim que passaram pela porta levadiça grande e ornamentada ao final do mercado, ele pareceu tropeçar e caiu sobre um joelho. A Noa pegou o braço dele, mas não conseguiu segurar com firmeza. De repente, a dupla parecia indefesa, como se tivesse sido alcançada não só pelos Antaam, mas por todos os anos que já tinham vivido.

O Kaathrata chegou até a extremidade aberta da ponte e olhou zangado para os dois Corvos. Ele sorriu, fez um sinal para os homens dele pararem e ergueu o martelo de guerra até o ombro, dando ênfase ao peso da arma. “Acabou o fôlego?”, ele indagou. “Ou o tempo de vocês, como o desta cidade. E em breve, o do mundo.” Ele olhou para trás, como se estivesse se certificando de que as pessoas subordinadas a ele estivessem assistindo, e começou a correr pela ponte. Ele riu e ergueu o martelo bem alto.

O Neri e a Noa observaram do lado da porta levadiça onde se encontravam. Ela tinha um desenho em tinta preta: a silhueta pequena de um corvo com as asas abertas. Algo difícil de se ver se você não sabia procurar, mas muito útil se sabia. Também difícil de se ver eram os dois cabos atados no chão, em frente à dupla. Era o mesmo tipo de linha resistente que tinha acabado de sustentar o peso do Neri e da Noa. Mas as pontas desses cabos não estavam presas a um telhado conveniente. Elas iam até a parte de cima da porta levadiça e estavam entrelaçadas com as engrenagens.

A Noa contou os passos do Kaathrata, mediu a velocidade dele e, assim que os Antaam passaram por baixo da porta levadiça, ela chutou a alavanca que fazia com que ficasse aberta. Foi quase perfeito. À medida que o portão de ferro caía, os cabos eram puxados do chão por ele, em movimentos agitados. Um deles se prendeu ao braço direito do Kaathrata, fazendo com que o martelo dele fosse para trás. O outro estalou para cima e para a lateral da parte inferior do torso dele. Houve um instante de um silêncio surpreendente depois que o avanço do Kaathrata foi interrompido. Um instante de silêncio antes de ele urrar, fazendo com que o som oco do osso cedendo viajasse pelos canais. O Carrasco estava preso.

O Kaathrata arfou. O ar era expulso de seus pulmões enquanto ele batia no portão que caía. No outro lado, os homens dele correram. O caminho estava bloqueado pela porta levadiça que se fechava e pelo líder furioso deles. “Ergam o portão!”, ele gritou. “Segurem...”

Os cabos se esticaram, interrompendo o líder, pressionando as costelas dele e quase levantando o corpo dele pelo braço torcido para trás. Várias mãos seguraram o portão e evitaram que ele caísse completamente. Com um impulso, os homens do Carrasco levantaram o portão até a altura do peito, e ele conseguiu se equilibrar, embora ainda estivesse amarrado.

O Neri ficou de pé e ajustou casualmente o couro no braço que a Noa tinha segurado de forma tão dramática.

O Kaathrata olhou a dupla de modo penetrante. “Uma mentira”, ele disse com desprezo. “Os Corvos são mentirosos.”



“Artistas”, corrigiu a Noa. “Tem diferença.”

“Então eu fui capturado”, disse o Carrasco. “O que vocês acham que vão conseguir com isso? O Carniceiro Daathrata controla a cidade de vocês. Qualquer kithtaam está sob a liderança de alguém tão forte quanto eu. E, em breve, mais forte.” Ele estava rindo, como se a afronta só pudesse ser uma piada. Mais homens do Carrasco se reuniram no outro lado da ponte, com vários se aproximando do portão, preparados para fazer com que ele se erguesse completamente. “A pessoa que colocou o meu nome no contrato, seja lá quem foi, mandou vocês para uma missão sem sentido.”

“Você?”, disse o Neri, inclinando a cabeça. “Não é você que está no contrato.”

Uma explosão ecoou pela cidade. Ela não tinha sido visível e muito menos estava perto. Tinha acontecido no portão que os Antaam guarneciam. Que o Kaathrata, o Carrasco, guarnecia.

“Você é apenas a distração”, concluiu o Noa.

A voz distante voltou a tomar conta das ruas, mas agora parecia determinada. Talvez até empolgada. **“Antaam! Os Corvos estão mostrando as garras! Voltem e expulsem todo mundo! Obedeçam!”**

Os Antaam que estavam indo em direção à ponte pararam, confusos. Pareciam não saber a quem obedecer: ao líder militar distante deles ou ao tenente amarrado.

“Podem ir”, disse o Neri, fazendo um gesto para que fossem embora. “Vocês ouviram o Carniceiro!”

“E ouviram o Kaathrata também”, acrescentou a Noa. “Existem outros tão fortes quanto ele. E eles não são o Carrasco!”

As palavras dela causaram um movimento contínuo entre os Antaam. Uma libertação. Ele havia comandado pelo medo, mas isso não existia mais. O próximo na hierarquia dos Antaam, provavelmente o próximo a assumir o comando, sinalizou para que o restante do grupo desse meia-volta e fosse embora. Os que estavam segurando a porta levadiça foram os últimos. Eles olharam para os Corvos, para o líder amarrado deles, e soltaram o portão para seguir o grupo.

“Covardes! Traidores!”, berrou o Kaathrata. “Eu vou açoitar todo mundo...”

Um ferro pesado caiu, seguido pelo martelo do Kaathrata, pois o braço dele já não conseguia mais segurar a arma. Ele foi erguido até ficar bem contra a abertura que permitia que os cabos entrassem nas engrenagens da porta levadiça. O Kaathrata lutou contra elas, mas cada respiração fazia os cabos apertarem mais o Antaam. Aos poucos, o portão se fechou completamente. E Kaathrata, o Carrasco, estava erguido até onde os Corvos podiam bicar os olhos dele.

E de manhã, os pássaros também iam fazer isso.

\*\*\*

O dia estava claro, o mercado cheio e todo mundo no café falava sobre o que tinha acontecido na noite passada.

“Você soube...?”

“Você viu...?”



“Eles ainda estão por aí!”

“Estão lutando pela gente!”

O Neri e a Noa de Acutis tomavam amazzacafé e se deixaram levar pela empolgação do povo trevisano.

“Você sabe quem pegou o contrato?”, perguntou a Noa.

“Não”, disse o Neri. “Outro Corvo ou alguém com quem a gente tem amizade. Alguém que é melhor em escalar paredes.” Ele deu leves batidas na bengala e tomou um gole da bebida. “É um jogo para as pessoas mais jovens.”

“O Carniceiro continua fazendo aquele monólogo diário”, disse a Noa, misturando uma quantidade alarmante de açúcar na bebida dela. “Mas a gente fez com que ele parasse para pensar um pouco. Botamos fogo em metade das armas esquisitas dele.”

“Ele vai substituir todas, mas não vai ser fácil.” O Neri apoiou as costas, pensativo. “Se a gente enfraquecer a ocupação, dificultar a coisa toda, quando o nome do Carniceiro finalmente estiver no contrato, nenhuma pessoa impostora vai tomar o lugar dele.”

“Que pena”, disse a Noa, sorrindo com a bebida em frente aos lábios. “Eu ia gostar de matar algumas pessoas impostoras.”

O Neri sorriu de volta. “Vou lembrar disso. Mas até lá, vamos gerar uma mensagem que vá de encontro à deles.” Ele ergueu a xícara dele. “Os Corvos governam Antiva.”

E Noa fez o mesmo. “E Treviso vai ser livre.”

*Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/as-we-fly>*







Ilustração por Ramil Sunga

# AS SOMBRAS DE MINRATHOUS

Por Sheryl Chee

Ele sabia que a magistrada não ia gostar nada se puxasse uma cadeira, então foi o que fez.

“Esta é uma mesa particular...” ela olhou o uniforme amassado, as botas gastas e o chapéu cinza cor de rato, que ainda pingava água da chuva. “—ser Templário.”

“Não vou demorar”, respondeu ele.

A magistrada exalou. “Mais uma rodada, então.” Ela chamou um crupiê de vestes escuras para o lado dela com um aceno de mão incrustada de rubis.

Tarquin passou o dedo nas cartas que recebeu: novas, nunca usadas e com uma borda folheada a ouro que deixou suas palmas polvilhadas com brilho.

“O brilho não o atrai?” As moedas apareceram em sua visão periférica, deslizando pela toalha de mesa de seda vermelha. “É para isso que veio”, disse a magistrada com seu sorriso vazio, “não é?”

“Essa é a sua aposta inicial? Em uma mesa com cartas folheadas a ouro?”

A magistrada ergueu uma sobrancelha. “É mais do que você vê em meio ano, templário.” Ela coloca as cartas na mesa com a face para cima. “Quer mais? Vamos ver se eu gosto de como você joga.”

Tarquin revelou sua mão, depois empurrou uma caderneta de registros para o centro da mesa. “Que tal se subirmos um pouco a aposta?”

“Tenho certeza de que não sei o que é isso”, disse ela. Tarquin notou um ligeiro tique no canto do olho dela.



“Tenho um contato. A dama é de extrema inteligência e ela me disse que isso contém registros financeiros do comércio de escravos no mercado negro.” Tarquin se inclinou para trás na cadeira, acomodando-se no luxuoso veludo com a mesma facilidade que um sorriso no rosto de um vigarista. “Incluindo transações com o culto de Venatori.”

A magistrada deu uma risadinha. “Os Venatori foram erradicados.”

“É mesmo? A magistratura ainda considera qualquer interação com eles uma traição. Traição pode levar uma magistrada a ser exilada, seus títulos destruídos...”

A magistrada tocou no lábio inferior com uma unha esmaltada. “Que cartas interessantes você escolheu.” Sua voz tinha um fio como de uma navalha recém-amolada. “Talvez você não tenha sido instruído corretamente em como se joga este jogo.”

“Acredito que sei exatamente como se joga.”

A magistrada atirou o resto das suas cartas na mesa. “Cartas altas e ases. Você está acabado, templário.” Ela se levantou e se inclinou sobre ele. “Você não ganha de mim com essa jogada.” O ar estalava ao redor de seus punhos cerrados... o som de uma maga concentrando seu poder. “E você não me ameaça, no meu estabelecimento.”

Houve uma faísca, e o assovio e o crepitar de um feitiço desferido, depois sufocado. A mão da magistrada pairava no ar, sua magia neutralizada.

Tarquin deu um sorriso afetado. “Tem certeza de que estamos no seu estabelecimento?”

A magistrada olhou bem no rosto do crupiê pela primeira vez depois de tê-lo chamado. “Você... você não pode ser...” Ela titubeou para trás. “A Víbora é apenas uma história.”

Tarquin guardou a caderneta de registros no bolso do casaco. “Manipular o sistema só funciona se jogarmos pelas suas regras.” Ele se reclinou na cadeira, segurou a ponta do chapéu e acenou para a magistrada. “O pôr do sol é belo em Minrathous. Talvez queira ver um enquanto ainda pode.”

“Quem é você? O que você quer? Ouro? Poder?”

Tarquin deu um sorriso afetado. Somos os Tevinter de quem se esqueceu. O que queremos?”

Atrás da magistrada, o crupiê levantou seu capuz. “Tudo.”

*Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/minrathous-shadows>*





Ilustração por Albert Urmanov

# RUÍNAS DA REALIDADE

Por John Dombrow


Havia algo de errado na floresta Arlathan. Isso ficou claro para Strife depois de se esquivar de um galho de árvore que quase o decapitou. As folhas eram como lâminas serrilhadas, então ele preferiu um corte na orelha em vez de perder a cabeça.

Mas a dor não era o que incomodava o elfo de cabelos grisalhos. Nem era a confusão dos últimos três dias que passou perdido nestas matas, avançando com confiança para o norte só para descobrir que estava indo para o sul. Nem o fato de que só se lembrava de ver o sol nascer e se pôr uma vez. Nem a desconcertante compreensão de que seu confiável e muito usado mapa da floresta Arlathan, um mapa que detalhava cada trilha oculta, caverna e ruína élfica, não era mais confiável. Uma ravina que levava uma hora para subir agora exigia cinco. De alguma forma, a paisagem havia se estendido. Tinha se transformado. Nem mesmo o galho assassino o havia alarmado tanto assim. Ele já tinha lidado com os selváticos antes, árvores possuídas por demônios da cólera, e elas não eram o problema. Essa honra pertencia à visão inexplicável que começava a aparecer...

Ele mesmo. Strife. Lutando pelos espinheiros, fugindo da floresta sanguinária com uma urgência familiar. Outro dele. O outro elfo se escondeu atrás de uma coluna de pedra coberta de videiras, olhando de relance para um diário de capa de couro: o mesmo diário que ele estava segurando. Era uma relíquia do clã Morlyn, passada de uma geração a outra. Seu Guardião havia passado o diário a Strife quando o livro começou a se reescrever no mês passado. Textos misteriosos apareciam por vontade própria, descrevendo ruínas sagradas na floresta de Arlathan que guardavam um artefato de poder legendário.

Strife estava olhando para o diário agora. Do outro lado, o mesmo fazia o seu sócia. Ambos transfixados por uma estátua da deusa élfica Ghilan'nain segurando uma estatueta de um halla de cristal, exatamente como o diário descrevia.





“E agora?” foi só o que pensou em perguntar para o outro dele. Não teve resposta. Um galho dentado tinha se posicionado atrás do seu sócia, o estalo de madeira avisando ao seu outro eu para abaixar... e foi aí que Strife entendeu que ia sofrer o mesmo destino. Estalo! Como um bizarro déjà vu, um galho dentado chicoteou atrás dele no momento que um galho afiado quase o empalou.

“Ele não é real”, uma voz rosnava por perto. “Como uma miragem. Ou um eco.” Strife virou-se e viu um lobo fervilhando com energia mágica. Quando o brilho se desvaneceu, Irelin, sua companheira elfa metamorfa, apareceu em seu lugar. “Aconteceu comigo ontem. Eu vi vários lobos. Só que todos eram eu. “

“O quê? Eu vi você uma hora atrás.”

“Faz quatro dias que não o vejo.” Os dois elfos olhavam um para o outro com uma sensação de pavor compartilhada: tratava-se de magia antiga em ação. De eras longínquas. “Rápido, antes que se esvaneça. Vá para a esquerda!”

Strife correu para a esquerda, confiando que ela tinha um plano. De forma espelhada, o mesmo fez o seu eco, atraindo a atenção dos selváticos. Aparentemente, o plano era agir como isca.

“Eu sou a isca!” Strife se queixou em voz alta.

“Você tem um sobressalente! Encontro você no acampamento!” Irelin gritou e se lançou no ar, transformando-se em uma gigantesca águia. Enquanto Strife atraía a atenção das impiedosas árvores, Irelin mergulhou e apanhou a estatueta com suas garras, tirando das mãos de Ghilan'nain. A estátua não soltou com facilidade, mas Irelin também não. Com um grasnado de raiva, ela arrancou seu prêmio e desapareceu no céu.

O outro Strife desapareceu. Os selváticos silenciaram. O feitiço foi quebrado. Mas Strife sabia reconhecer um mau presságio quando se deparava com um.

Havia algo de errado na floresta Arlathan.

*Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/ruins-of-reality>*





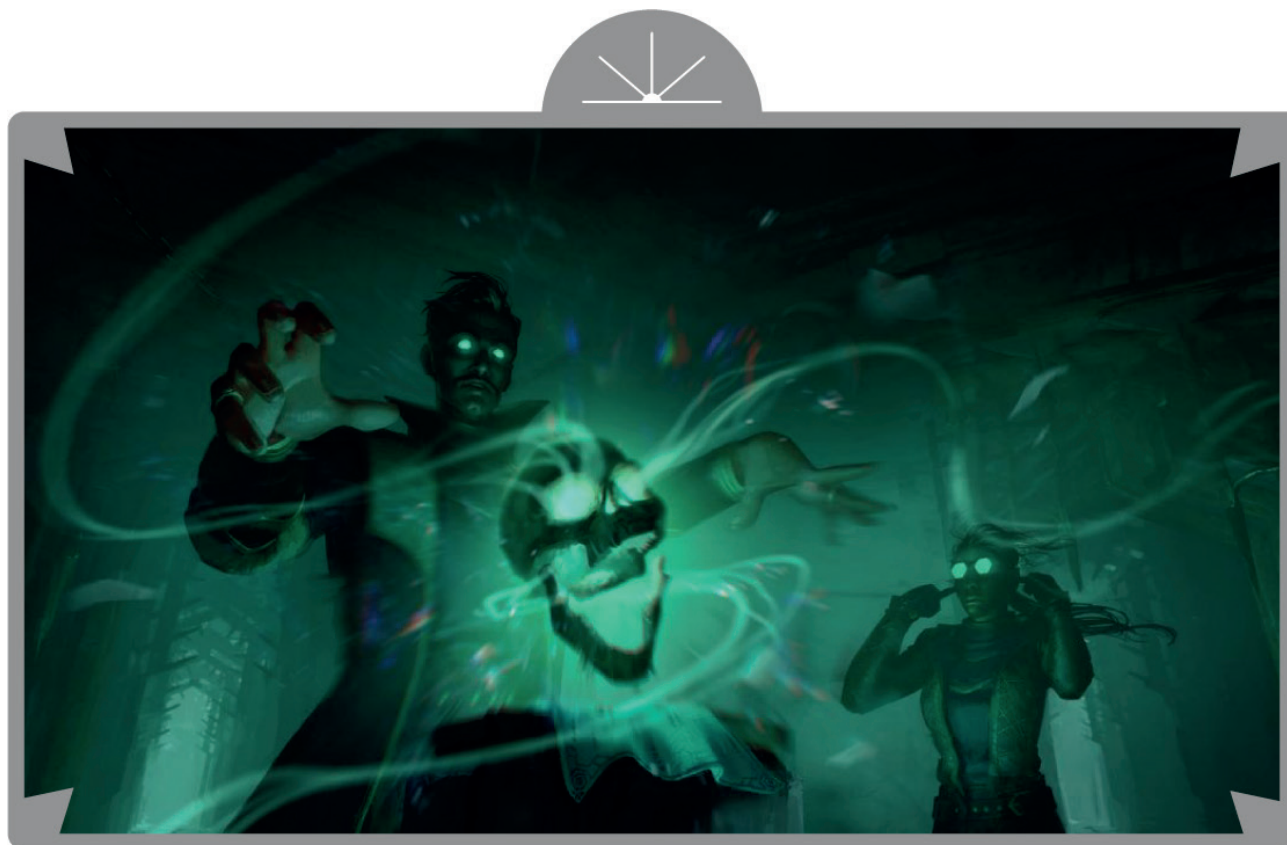


Ilustração por Albert Urmanov

# A CHAMA ETERNA

Por Sylvia Feketekuty

*Trinta anos atrás, em 9:22 da Era do Dragão...*

“E então? Você me afastou de um experimento por isto, Volkarin.” A necromante mais baixa envolveu um monstro sibilante de ossos e cartilagem em uma meada de luz. Com uma torcida de mão dela, o monstro se rompeu. “O que essa coisa miserável quer?”

Emmrich Volkarin ajustou o broche da gola. “Só um segundo, Johanna.”

“Tudo bem.” Johanna Hezenkoss olhou com desconfiança para o crânio na mão de Emmrich. “Qualquer coisa para parar com essa gritaria.”

O crânio tinha começado a gritar e gritar sem parar dentro do nicho no Ossuário Cobalto da Grande Necrópole. Alguém o viu e informou a Vigília Fúnebre, que despachou uma dupla de necromantes.

Johanna e Emmrich chegaram a uma encruzilhada. Emmrich colocou o crânio estridente em um pedestal. “Que percepções sobre os seres mortos isso poderia...”

“Você já me falou sobre o seu artigo.”

“Vem!” Emmrich se virou. “O que motiva um espírito mais do que os outros? Que mistura de pensamentos e sentimentos trouxe de volta essa alma?”


“Bobagem sentimental.”

“Você tem que admitir que é uma variação interessante de possessão!”

Os gritos do crânio ecoaram pelo corredor.

“É apenas um espírito mesquinho e fraco demais para se tornar um demônio.” Johanna se agachou





para passar por baixo de um lintel desmoronado. Estátuas de cadáveres se enfileiravam pela passagem. Com um movimento rápido da mão de Johanna, um dardo de luz verde acertou uma forma longilínea no fim do corredor. O demônio se retorceu, envolto em fumaça, quando foi atacado novamente. O monstro rangeu os dentes e se desintegrou.

“Pronto. Agora você deve poder fazer o seu feitiço com cadáveres em segurança.”

Emmrich fechou os olhos. Os sussurros chegaram, e quando ele falou, o ar passou a vibrar. “Pela respiração e sombra. Pela noite sem fim. Nos conte o que atormenta você.”

As órbitas oculares do crânio emanaram um brilho verde. “Separação. Frio. Duas sepulturas onde deveria haver uma!”

“Que bobagem.”

“Johanna!” Emmrich limpou a garganta e se voltou para o crânio. “Me diga, o que vai garantir o seu descanso?”

“Leve este aqui... até as paredes negras fundas... perto das chamas prateadas...” O brilho do crânio oscilou e se apagou. Ele voltou a soltar os gritos estridentes.

“Você é muito talentoso, Volkarin.” Johanna inclinou a cabeça de modo quase imperceptível. “E você aprimorou o seu comando de manifestação subastral.”

Emmrich sorriu. “Fico feliz que notou.”

“Mas o que esse estorvo quer no Templo da Crescente?”

\*\*\*

Emmrich se inclinou sobre um caixão cercado de vasilhas com um fogo prateado. Ele colocou o crânio junto ao corpo de uma mulher velha que vestia roupas humildes, mas ostentava uma coroa de rosas brancas. Os gritos pararam.

“Mathilde...”

“Sua esposa partiu de forma tranquila, enquanto dormia na meia-noite passada.” Emmrich sorriu. “Os registros confirmam que ela também queria ser enterrada junto com você. Vocês não vão ficar mais distantes.”

Um suspiro. A boca da mulher se moveu ou foram as chamas dançantes?

Johanna bufou. “Tanta fúria para terminar em outra sepultura.”

“Ah, não sei, não.” Emmrich passou a mão no mármore branco como a neve do caixão. “Seria muito bom ter uma afeição tão duradoura. Além do mais, você ficou até o final.”

“Alguém tinha que garantir que você não fosse decapitado enquanto conversava com os mortos.”

“Eu também sou grato por amizades duradouras.”

“Bah!”

A dupla voltou à Grande Necrópole em um silêncio repleto de cumplicidade.

Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/the-eternal-flame>





Ilustração por Albert Urmanov

# NÃO SE SABE QUANDO

Por Brianne Battye

A Guardiã Evka Ivo gemeu, deitada na pedra bruta. O ogro estava morto. Meia dúzia de flechas projetavam-se da garganta dele e o lado esquerdo do crânio se afundou depois do golpe final do martelo do povo anão. Ela podia descansar um pouco.

“Sobreviveram”, disse o Guardião Antoine, acima dela.

“Ótimo”, disse Evka. O objetivo de se colocar entre as desafortunadas pessoas que faziam a mineração e a morte em forma de ogro era garantir a sobrevivência delas. Mesmo que isso significasse algumas contusões. E talvez uma costela quebrada. Antoine deitou-se ao lado dela, estremecendo com as próprias dores. A dupla estava com as costas na pedra, olhando para o teto coberto de sombra da caverna.

“A gente também sobreviveu”, disse Antoine. Ele pegou uma pedra e a moveu entre os dedos. O elfo não conseguia ficar parado.

“Desta vez.”

Antoine riu. “Você também disse isso da última vez que a gente lutou contra um ogro.”

“Foram ogros da última vez. Mais do que um. O terceiro quase arrancou a sua cabeça.”

“Ah, mas eu testei uma nova fórmula!”

Evka sorriu lembrando do odor ácido do experimento de Antoine. “É mesmo. Você quase explodiu a gente.”

“Eu não disse que era um bom plano.” Antoine jogou a pedra no ar e a pegou. “Mas os halla voltaram para aqueles campos. Tinha cervos na última vez que a gente atravessou.”



“Você se lembra das criaturas sombrias perto de Kassel?” Evka perguntou. A podridão das criaturas sombrias envenenou a água. Os pantanais salobros foram tomados por um lodo cinza. Pássaros morreram. As pessoas do vilarejo imploravam por resgate entre tosses persistentes. Evka saiu do vilarejo sozinha e se deparou com uma horda de monstros.

“Você estava doente”, disse Antoine. “Mas você conseguiu mais tempo para mim.”

“E você impediu que a praga se espalhasse.”

“Você disse que eu tinha que pagar você com sopa.” Antoine jogou a pedra novamente.

“Teve aquele demônio em Merdaine.”

“Odeio demônios”, Antoine murmurou.

“Eu acho que ele também não gostava de você.”

“Pelo menos o nosso livro só ficou chamuscado. A gente estava no último capítulo da história de mistério.” Antoine sorriu. “Eu me saí melhor do que você contra aqueles obstáculos nas Terras Altas.”

“Quase não ficou cicatriz. Eu não levei uma mordida de um... O que era aquilo perto de Arlathan?”

A mão de Antoine encostou brevemente no próprio ombro. “Ainda não sei. Mas a gente sobreviveu. Mesmo que por pouco.”

“A questão é que quem é da Guarda pode morrer de muitas maneiras”, disse Evka.

“Mas tem vários dias que você continua vivendo”, Antoine respondeu, suavemente.

“O Dernel atendeu ao Chamado”, disse Evka.

Antoine não respondeu. Ele colocou a pedra no chão. Ele não sabia.

Dernel não era tão velho, mas a podridão no sangue dele, no sangue de todo mundo da Guarda, avisou que era o fim. Evka andou com ele até as Estradas Profundas uma última vez. Dernel morreu lutando contra os monstros do subterrâneo.

“Ser da Guarda mata você de uma forma ou de outra”, disse Evka. “E a gente não sabe quando vai ser a nossa vez.”

“Eu não tenho medo se você não tiver.”

Evka sentia as criaturas sombrias se movendo mais adiante nas cavernas. A dupla não tinha muito tempo até que mais monstros aparecessem. Mas tinha um pouco.

“Me pergunta de novo”, ela disse.

Ele pegou a pedra, colocou no chão mais uma vez e se concentrou totalmente nela. “Evka Ivo, você quer se casar comigo?”

“Sim.” E ela beijou Antoine.

*Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/wont-know-when>*







Ilustração por Ramil Sunga

# A PRÓXIMA

Por Brianne Battye

O monstro não devia ter duas bocas, mas tinha. Todos os dentes farpados e baba grossa.

O Guarda Lawrence empunhou sua espada. “Vou tirar você daqui.”

A anã acenou com a cabeça.

O monstro deu um berro desordenado. O que quer que fosse, ele estava acometido pela praga há muito tempo.

Ele era um Guarda Cinza. Passou vinte anos lutando contra a praga. Mas esse veneno também estava dentro dele. Um dia a praga começou a cantar em seus ouvidos e ele soube. Quando chegar a hora, você vai para baixo da terra e lutará contra os ghouls até morrer. Ou até se tornar um deles. Suas articulações doíam quando ele desceu. Agora não mais. Quando ele respirava, soava um chiado macabro. Então acabou. O fim.

Mas ele a ouviu gritar. A encontrou no lado errado de um desmoronamento, corajosa, empunhando um velho martelo de ferreiro.

O monstro atacou de forma rápida, como um caranguejo. Lawrence se virou, bateu com o escudo na perna do monstro e se atirou para o centro da massa. Não importava no que ele estava se transformando. Ainda era ele mesmo. Ele ia ficar entre ela e a escuridão. A criatura atacou com a mandíbula mais próxima. Lawrence se esquivou, rolou e atacou novamente com a espada. Ele a ouviu gritar antes de sentir a dor.

Ela correu para a frente e golpeou a criatura com toda a força que podia com aquele martelo. A espada dele encontrou o coração do monstro, que caiu derrotado.





“Não achei que ainda pudesse salvar mais alguém...”

“Ainda não salvou”, disse ela.

“Desbocada!” Ele riu. “Vou tirá-la daqui, hã...”

“Evka.”

“Vamos tirá-la daqui, Evka.”

Eles andaram pela escuridão, mas ele sabia o caminho. Tinha dor, mas alguém precisava dele. Estava sangrando, mas tudo bem.

Estranho como o que saía era cinza e não vermelho. Estranho como... ele quase podia ouvir... A visão dele ficou turva.

“Achei que podia salvar...”

“Você ainda pode.”

“Eu não...”

“Que tal,” Evka disse. “Você me salva, aí eu salvo a próxima para você.”

Ele sorriu. “De acordo.”

Ela tomou seu braço, seu peso, e continuaram em frente. Faltava pouco agora. Estavam quase... Mas algo estava vindo. Arranhando, tropeçando...

Ghouls.

Quando chegar a hora, você vai para baixo da terra e luta. E morre.

Mas eles tinham feito um acordo. Tire ela de lá e ela salvará a próxima. Ninguém deveria enfrentar a escuridão só. Ele vai tirá-la daqui. Ele ia...

\*\*\*

Os ghouls estavam mortos.

“Quem é você?” Evka perguntou, empunhando com força o martelo.

“Um espírito”, aquilo disse pela boca do Guarda Lawrence. “Eu podia ouvi-lo.”

Atraído pelos moribundos, então. Depois de tudo que ele fez...

“Liberte-o”, Evka demandou. Ela não ia deixá-lo assim.

“Eu sou a Perseverança.” Aquilo ergueu a mão de Lawrence, arrancou o emblema de grifo do seu peito. “Ele só queria salvar mais uma pessoa...”

Evka hesitou. “Se sobrou algo dele aí dentro, diga que eu resgatarei a próxima.”

O espírito inclinou a cabeça, em acordo ou em despedida, Evka não tinha certeza. O corpo do Guarda desabou no chão.





Evka se ajoelhou, segurando o emblema. Ela fechou os olhos de Lawrence.

“Eu salvo as próximas.”

Conto originalmente disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/dragon-age/news/the-next-one>





**Disclaimer:** Esse material foi editado por Gabriel Rossi (@Capetabixatongo) nesta coletânea. Portanto, se trata de um material trabalhado por fãs e todos os direitos pertencem a Bioware.

Os textos foram originalmente publicados no blog oficial da Bioware e os devidos créditos das ilustrações e dos textos estão presentes neste material.